

13. CONEXÕES DE SABERES SOBRE TRABALHO: DAS HERANÇAS E DOS PROJETOS

*Charles Cunha*³⁷

*Daisy Cunha*³⁸

Resumo

Este texto dá a conhecer ações do Programa de Pesquisa, Ensino e Extensão sediado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Conexões e Saberes sobre Trabalho, em particular a experiência-projeto Conexões Saúde e Segurança na Mineração. Essa experiência consistiu na condução de um conjunto de encontros entre trabalhadores do setor de mineração, gestores, técnicos e pesquisadores de diferentes áreas disciplinares de universidades na Escola Sindical 7 de Outubro (Belo Horizonte-MG, Brasil), no sentido de criar espaços e tempos de construção partilhada de conhecimentos que ampliam o olhar sobre causas de acidentes de trabalho e possíveis ações de prevenção mais eficazes. A base desse processo está no diálogo entre saberes acadêmicos e saberes produzidos no e pelo trabalho, no âmbito de uma ação cooperativa sem hierarquias sociais e epistemológicas

³⁷ FaE/ Universidade Federal de Minas Gerais; charlescunha@hotmail.com

³⁸ FaE/Universidade Federal de Minas Gerais; daisy-cunha@uol.com.br

que promove aprendizagens e aumenta o poder de agir por parte de todos os envolvidos.

O Programa assume como herança a experiência reportada por Oddone, Re e Briante em *Rédecouvrir l'Expérience Ouvrière* (1981), em que se cunhou a noção de *Comunidades Científicas Ampliadas* para designar o processo de construção partilhada de conhecimentos sobre o trabalho a partir do encontro entre metalúrgicos e pesquisadores. Nesse âmbito, a experiência social dos trabalhadores consiste no ponto de partida para uma (re)interrogação dos patrimônios científicos. Também a noção de *temas geradores*, de Paulo Freire, é revisitada, no sentido de que as ações da experiência-projeto relatada guiavam-se por assuntos que emergiam do diálogo entre os diferentes intervenientes, produto de experiências vividas e que mereciam tratamento problematizador.

Abstract

This paper aims to present the Project of Teaching, Research and Public Outreach called “Conexões e Saberes sobre Trabalho” (Connections and Knowledge about Labor) based on the Federal University of Minas Gerais (UFMG), particularly the experience-project *Conexões Saúde e Segurança na Mineração* (Connections Health and Security in Mining Sector). This project consisted in conducting a series of meetings between workers of the mining sector, managers, technicians and researchers from different disciplinary areas in the Escola Sindical 7 de outubro (Union School 7th of October – Belo Horizonte-MG, Brazil). These meetings have enabled spaces and times of sharing learning in order to extend the look on the causes of accidents and more effective prevention actions. The dialog between academic knowledge and practical knowledge was on the basis of the whole process,

which encompassed a cooperative effort towards the increasing power to act where social and epistemological hierarchies did not take place.

The Project stands as an heritage of the reported experience by Oddone, Re and Briant in *Rédecouvrir l'Expérience Ouvrière* (1981), which has coined the notion of *Extended Cientific Communities* to name the process of sharing learning about labor from the meeting between researchers and metallurgists. Within this context, the social experience of the workers was the starting point of the continuous questioning of scientific heritages. Paulo Freire's concept of *generative themes* is also evoked, once all the actions of the reported Project were guided by issues that emerged from the dialogue between different actors, issues that were the product of experiences which deserved a problematizing treatment.

Heranças

Nossas heranças são muitas, tantas quanto nossos projetos. Poderíamos relembrar as muitas experiências de educação de adultos e de educação popular pelo interior dos estados brasileiros, as variadas iniciativas de formação sindical e política de trabalhadores que, nos últimos trinta anos do século passado, povoaram os bairros populares nas periferias das grandes cidades brasileiras; ou, nesse mesmo contexto, trazer à memória formações desenvolvidas em escolas sindicais – como, por exemplo, o Projeto Integrar/CUT³⁹ –, organismos governamentais⁴⁰, universidades públicas⁴¹ e ONGs⁴² espalhadas pelo país. Essas são formações cujo objetivo sempre foi, em processos interativos escolares ou não escolares, ampliar as reservas de alternativas, aumentar o poder de agir, bem como o valor agregado das iniciativas produtivas de certas comunidades com a finalidade de melhoria da qualidade de vida e trabalho.

Algumas delas acompanhamos de perto, como a experiência do Projeto de Educação de Trabalhadores (PET), desenvolvido conjuntamente pela Escola Sindical 7 de outubro, a Prefeitura de Belo Horizonte e a CGIL da Itália. Durante 16 anos, de 1995 a 2011, o projeto desenvolveu-se em diversos espaços – inicialmente, dentro da Escola Sindical, migrando para a Escola Municipal União Comunitária –, sempre garantindo o direito à educação a diversos trabalhadores formais e informais, nos três turnos, manhã, tarde e noite, para homens, mulheres, jovens e adultos,

³⁹ Central Única dos Trabalhadores/CUT. Programa Integrar – formação e qualificação para o trabalho. São Paulo: Confederação Nacional dos Metalúrgicos, junho, 1998.

⁴⁰ Cf. Ferreira, Donatelli e Reis Júnior (2003).

⁴¹ Cf. Hoefel (2012).

⁴² Cf. Souza (2010).

ampliando os locais das salas de aula não só para outros espaços no bairro onde se localizava a escola, mas para outros espaços da cidade (Cunha & Nunes, 2008, 2009). Nessas experiências de formação-ação, aprendemos a ver um problema epistemológico e político da produção, da circulação e do valor dos saberes produzidos na experiência de vida e no trabalho dos trabalhadores, bem como as tensões que estas vivências engendram em seus processos educativos.

As experiências internacionais também são vastas⁴³. Neste trabalho, entretanto, focalizaremos a experiência de Ivar Oddone, Alessandra Re e Gianni Brianti por seu pioneirismo em partir da experiência dos trabalhadores e confrontar-se com as normas produtivas presentes nas situações de trabalho para, daí, reinterrogar saberes acadêmicos. Ao fazê-lo, revelam o que está em jogo na construção de novas hegemonias políticas a partir dos locais de trabalho. Nosso intuito é, então, praticar uma *exegèse* buscando apreender nos textos desses autores um método à luz da prática acadêmica que narram na obra *Rédecouvrir l'Expérience Ouvrière* (Oddone, Re & Briante, 1981). Entendemos por método uma regra, uma hipótese de trabalho que gera procedimentos e novos modos de produzir conhecimento. Esta descrição não deixará na penumbra outras contribuições internacionais com as quais dialogamos permanentemente ao longo de nossas reflexões aqui e alhures, pelo engajamento que inspiram e pelos contributos teórico-metodológicos que nos aportam, entre elas a ideia de um *Dispositivo Dinâmico a Três Polos*, central nas formações do Instituto de Ergologia da Aix-Marseille Université⁴⁴, e as possibilidades abertas pela ergonomia wisneriana da atividade.

⁴³ Cf. Teiger e Lacomblez (2013).

⁴⁴ Cf. Site do Instituto de Ergologia: www.ergologie.com

A experiência das *Comunidades Científicas Ampliadas*

Nos anos 70, pesquisadores da Universidade de Turim desenvolveram experiência denominada *Comunidade Científica Ampliada* com metalúrgicos da FIAT automóveis. Esta experiência consistia em encontros dos pesquisadores com metalúrgicos no contexto das 150 horas⁴⁵ para discutir questões relativas aos elementos que se configuravam nocivos à saúde no ambiente de trabalho desses operários.

A convivência e o diálogo entre esses dois segmentos permitiu compreender que os riscos que se apresentavam no processo produtivo provocavam atitudes dos trabalhadores em defesa da sua saúde, o que os impulsionava a adquirir novos conhecimentos, na perspectiva de transformar suas condições de trabalho. A investigação sobre a construção quotidiana dos saberes desenvolvidos na labuta diária do trabalho buscava compreender melhor “o que faziam os operários, o que pensavam os operários, qual era o sentido e os objetivos de suas lutas centradas sobre problemas de segurança e higiene” (Oddone *et al.*, 1981, p. 21). Mas, em algum momento desses encontros, os pesquisadores desconfiaram que algo lhes escapava nas tentativas de fazer com que os trabalhadores lhes dessem informações mais densas sobre sua experiência do trabalho quotidiano na metalúrgica.

Logo nas páginas iniciais do livro *Rédecouvrir l'Expérience Ouvrière*, Oddone *et al.* (1981) chamam atenção para o fato de que a grande dificuldade na associação entre a experiência operária e a psicologia do trabalho de que dispunham foi resistirem – na me-

⁴⁵ Conquista sindical e política dos trabalhadores italianos que garantia aos mesmos utilizar 50 horas anuais durante três anos para frequentar qualquer processo educativo. Nesse contexto, Oddone e sua equipe puderam oferecer seminários de formação na Universidade de Turim para trabalhadores metalúrgicos, constituindo o dispositivo que denominam de *Comunidade Científica Ampliada* (Oddone *et al.*, 1981).

dida do possível – à tentativa de enquadrar a experiência operária na linguagem e num contexto científico que sempre a rejeitaram. A linguagem aparece, então, num processo de compreensão mútua, como um recurso fundamental para intervir eficazmente no problema das nocividades do ambiente de trabalho. Contam-nos os autores que muitas dificuldades cercaram a primeira experiência de diálogo, porque, exatamente, foi muito difícil associar a psicologia do trabalho tradicional e sua linguagem à experiência relatada pelos operários em grupos de trabalho onde cada parte deveria trazer seus aportes. O desafio era, portanto, a associação entre a experiência operária e a psicologia do trabalho de acordo com a qual pesquisavam, resistindo, na medida do possível, à tentativa de enquadrar a experiência operária naquela linguagem que sempre a rejeitou.

A experiência das *Comunidades Científicas Ampliadas* problematizou, então, os estudos do homem no trabalho, e não apenas a psicologia do trabalho. Estudos que focam somente esta não consideram o ponto de vista da atividade dos trabalhadores, e, desse modo, ao enfatizarem dimensões específicas na relação com o meio, impossibilitam uma compreensão mais globalizante e dialética dessa relação.

Oddone et al. (1981) relatam que passaram por uma fase denominada “iluminista”, na qual, após debate entre trabalhadores e especialistas, estes últimos é que entravam em negociação com os empresários quanto às condições de trabalho e saúde dos trabalhadores. Mais adiante, numa nova perspectiva mais autonomista, são os próprios *Grupos Operários Homogêneos* – um grupo de trabalhadores que, convivendo face a face, está exposto às mesmas condições de nocividade, o que valida em seus coletivos de trabalho suas percepções quanto aos riscos presentes nas situações laborais – que passam ou não aos especialistas e assessores a fundamentação para a negociação dos problemas elencados nas situações de trabalho. O modelo de análise nesta

fase (apoiando-se sobre imagens comuns, uma nova linguagem) sobre as condições de trabalho, adequadas ao novo papel atribuído ao *Grupo Operário Homogêneo* de trabalhadores envolvidos, se caracteriza pela coexistência de diversos modelos parciais cuja combinação define o modelo interpretativo global.

Enquanto as formas tradicionais de análise de riscos e nocividades do meio buscam apenas conhecer e relacionar seus fatores, muitas vezes organizando-os de maneira justaposta numa abordagem que se diz globalizante, o novo modelo científico produzido pela experiência operária de análise epidemiológica dos riscos e das nocividades presentes nas situações de trabalho se caracteriza, ao contrário, por uma abordagem global dos problemas incrustados, sem julgamentos de valor dos sujeitos envolvidos. Após analisar globalmente a situação, o *Grupo Operário Homogêneo* busca identificar e intervir para transformar o meio de trabalho, eliminando fatores nocivos e prejudiciais à saúde dos trabalhadores. Subjacente ao modo de produzir conhecimento sobre riscos e nocividades nos ambientes de trabalho está uma rejeição da ideia de *homem médio*,

[...] não somente do ponto de vista de sua capacidade de trabalho, mas também do ponto de vista de sua tolerabilidade às situações de nocividade, quer estas sejam feitas de elementos tóxicos ou de fadiga excessiva, física ou mental. Ela propõe assinalar um novo objetivo à intervenção médico-psicológica e privilegiar não a medida, mas a avaliação, não os instrumentos mecânicos, mas o julgamento desta nova entidade que é o grupo operário homogêneo como portador de uma experiência válida coletivamente de maneira sincrônica e diacrônica. O modelo do grupo operário homogêneo aparece como expressão viva do julgamento coletivo visando mudar a oficina, a fábrica, a empresa para que sejam eliminados em perspectiva todos os elementos nocivos à saúde dos homens. (Oddone *et al.*, 1981, p. 46)

Nessa perspectiva, foi construída a cartilha *L'Ambiente di Lavoro*⁴⁶, que permitiu, através da adoção de uma linguagem comum, a afirmação do papel hegemônico dos trabalhadores na definição de um sistema adequado de controle dos fatores de risco na contratação direta das empresas ou nas negociações sindicais. Essa nova linguagem se construiu na e pela confrontação entre a experiência de especialistas e seus modelos e os modelos empíricos dos operários, sua construção implicou sistematizações realizadas a partir da “linguagem dos operários, de todos os operários, mas também de modelos presentes no seu espírito e naquele dos sindicalistas e especialistas” (Oddone *et al.*, 1981, p. 37).

Essa sistematização revelou o problema complexo da relação entre tomada de consciência, modelização e linguagem:

[...] este ensaio propunha uma linguagem a partir de certos pontos de vista (a partir de um certo nível de consciência, de certos modelos de interpretação e de comportamento não formalizados) de grupos operários. A experiência demonstrou por uma parte que os grupos operários (e outros) têm desde então melhor negociado e aplicado os contratos, por outro lado, esta nova linguagem criou uma infinidade de contatos novos entre os grupos e entre grupos e especialistas. Estes contatos têm por seu turno trazido uma redefinição desta linguagem ela mesma. (Oddone *et al.*, 1981, p.40)

Assim, nos estudos médicos, as abordagens podem priorizar os riscos corporais, negligenciando os aspectos psicossociais, muito mais ressaltados pela psicologia, ou, em estudos ergonômicos de

⁴⁶ Oddone, I.; Marri, G.; Gloria, S.; Briante, G.; Chiattella, M. & Re, A. *L'ambiente di Lavoro*, 1981. Rome: Édition FLM. Esta cartilha foi traduzida no Brasil com o título *Ambiente de Trabalho – A luta dos trabalhadores pela saúde* (São Paulo: HUCITEC, 1986) tendo sido bastante utilizada na construção de mapas de risco pelos trabalhadores brasileiros em suas situações de trabalho a partir dos anos 80. Cf. Mattos e Freitas (1994).

laboratório, a ênfase pode recair no aspecto físico-mecânico do trabalhador, desempenhando-se a análise sem levar em consideração a história individual e de classe. Em seu livro, Oddone *et al.* (1981) indicam que deveria haver, a partir do trabalho que fizeram, prevalência da psicologia sobre a medicina, em razão dos modelos culturais relativos às doenças psicofísicas que foram desenvolvidas pelos operários no contato com a realidade produtiva. Os autores argumentam, com base nas ciências do trabalho de seu tempo, que, quando a ergonomia ela mesma (adaptação do trabalho ao homem) se interessa pelo trabalhador em sua acepção mais avançada de maquinaria e/ou psicologia, ela negligencia a consideração de que ele possui uma história individual e uma história de classe. Assim, ela o estuda ainda como estudamos um animal superior em laboratório, como um ser que não tem algum papel a jogar na definição do trabalho (e ainda menos na história). Ora, é essencial – no momento mesmo em que a psicologia dos trabalhadores aceita considerar o papel assumido pela classe operária na história e, em particular, na definição das modalidades de produção – que a ergonomia fixe como objeto de pesquisa a definição dos modelos culturais vindo a se formar no nível da classe operária e no nível dos grupos operários homogêneos, que são as agregações mínimas (Oddone *et al.*, 1981, p. 42).

Essa tensão entre a forma analítica do protocolo científico e a forma sintética da experiência laboral atravessa toda a obra de Oddone. Por isso, o convite ao (re)descobrimento desse patrimônio vivido como ponto de partida para (re)interrogar os patrimônios científicos. Há ainda uma alusão à mudança de paradigma na perspectiva de Thomas Khun (1972), em *A Estrutura das Revoluções Científicas* (tradução livre), pois se fala de uma nova articulação necessária entre ciência e sociedade na qual a experiência social dos trabalhadores deve ser ponto de partida para pautar novas questões e perspectivas na abordagem dos problemas de saúde e

vida das camadas populares. Haveria ainda o problema de quanto as ciências do trabalho estariam preparadas naquela época (início da década de 70) para compreender a dinâmica dos grupos operários, que observam, interpretam e modificam sua condição de trabalho (e mesmo a organização da produção), em função dos modelos com os quais opera.

Mas como são construídos tais modelos? Com base em que fatores? Nesse contexto em que escreve Oddone, sabe-se da importância das ideologias operárias na formação política e sindical daqueles trabalhadores italianos, sendo o nível de escolaridade deles importante, mas não suficiente para a construção do que se denominará modelo de ordem interpretativa. E, no plano de uma ordem operatória, seria importante uma tomada de consciência pelos trabalhadores do papel que têm como classe e grupo na determinação das modalidades de produção para que intervenções mais profundas no sistema produtivo ocorram, tendo em vista o controle das penúrias (Oddone *et al.*, 1981, p.43). Nisso, a experiência das *Comunidades Científicas Ampliadas* também obteve sucesso, na medida em que soube capitalizar ações coletivas da Federazione dei Lavoratori Metalmeccanici (FLM), intervindo na Reforma Sanitária Italiana ao criar um modelo participativo de eliminação de riscos em situações de trabalho.

Face às experiências relatadas pelos trabalhadores, as prescrições do trabalho revelam, finalmente, uma tensão na ideia de divisão entre executantes e gestores (planificadores), uma vez que, entre os primeiros, encontramos alguns capazes de indicar a natureza dos problemas habitualmente excluídos dos campos de pesquisa, bem como a maneira de resolvê-los, o que demonstra uma concepção diferente da das modalidades de produção, bem como nas modalidades de produção do conhecimento.

Mas, para Oddone *et al.* (1981), esse movimento contra-hegemônico deveria vislumbrar também renovação da ciência médico-psicológica

pelo enriquecimento da ideia do que é o homem no trabalho. Nesse sentido, seria interessante estudar valores, critérios, além de como o coletivo de trabalhadores referenda o julgamento sobre os elementos de organização produtiva, tarefa designada para uma psicologia concreta que,

[...] partindo da experiência do grupo, de suas observações, de suas interpretações, de sua validação coletiva, utilizando os instrumentos, critérios e métodos retidos pelo grupo, centraria sua pesquisa sobre as modalidades de validação coletiva dos julgamentos expressos sobre todos os aspectos da condição operária e sobre as modificações que seria possível trazer às modalidades de produção. (Oddone *et al.*, 1981, p. 44)

A tarefa que se delineia para tal psicologia é partir do concreto, dialogando com modelos de interpretação de tipos psicanalíticos, comportamentalistas, gestaltistas ou outros. Mas, porque sabemos que as leis que regem tal processo não são apenas desse campo de pesquisa, tal psicologia concreta deveria dialogar com a medicina, a economia política etc., mesmo sabendo das dificuldades operacionais disso.

As grandes lições dessa perspectiva são, por um lado, a necessidade de que entrem em confrontação experiência operária e disciplinas que estudam o trabalho humano, colaborando por meio de um projeto comum, com base em valores emancipatórios, para que os modelos de prevenção dos riscos no trabalho sejam mais eficazes; nas palavras de Oddone *et al.* (1981, p. 38-53), para construir uma “ciência da relação dialética entre a consciência operária, consciência de classe e psicologia escrita do trabalho”. Por outro lado, colocam-se, naturalmente, tanto a formação dos novos experts quanto a questão de saber quem deve sintetizar essa combinação. Este último problema é delicado, porque pauta quem, de fato, pode

realizar as novas sínteses conceituais e quem, de fato, pode realizar intervenções transformadoras nas situações de trabalho tendo em vista a redução dos fatores nocivos aos trabalhadores.

Nesse contexto, a experiência, como patrimônio vivido, é compreendida como

[...] aprendizagem, de um modo individual e coletivo, de soluções capazes de resolver problemas concretos que o trabalho lhe coloca todo dia no interior da usina... o operário aprende, quer dizer, adquire uma experiência não somente em relação à tarefa, mas também no plano político e sindical. (Oddone *et al.*, 1981, p. 17)

Ela é produto da vivência individual, coletiva, configurando um patrimônio cultural de classe face às condições de vida, mas forjada no enfrentamento das condições gerais de produção nas situações de trabalho nas quais o trabalhador vivencia o exercício de uma tarefa determinada. Mas ele interage em permanência com os demais trabalhadores, com a chefia, com outros no trabalho, e assim a experiência do trabalhar extrapola o seu posto de trabalho, no qual, muitas vezes, este se encontra circunscrito. Nessas interações diversas, o trabalhador vai aprendendo e vai socializando/partilhando suas vivências, de modo que

[...] podemos afirmar que a formação informal é o fruto de duas experiências: por um lado da experiência puramente e simplesmente transmitida e de outra parte, da experiência nascida das dificuldades encontradas e superadas no curso da transmissão. Neste segundo tipo de experiência aparece um grande número de novos problemas ainda sem solução e que, no mais, não são nem mesmo percebidos posto que seu objeto difere daquele dos problemas iniciais (máquina ou tarefa). Tomar consciência de sua existência

exige dos trabalhadores um nível de pesquisa que os localiza além de uma dimensão individual e de categorizações tradicionais que se tornaram porém inadequadas. (Oddone *et al.*, 1981, pp. 59-60)

Enquanto saber de uma classe que vive do trabalho no contexto dos anos 70 em Turim, a experiência operária é abordagem global dos problemas coletivos de grupos de trabalhadores, permeada e estruturada por julgamento de valor dos mesmos. Oddone *et al.* (1981) logo se colocariam ante o problema de como fazer falar essa experiência de trabalho para além dos comportamentos esperados pelas normas que a enquadravam.

A aproximação dos pesquisadores com a realidade dos trabalhadores constitui-se um marco histórico no sentido de um novo regime de produção de saberes sobre trabalho, por trazer novas demandas sociais para a reflexão acadêmica que se fazia à época. Essa ampliação resultou em um novo modelo de análise – produzido a partir da experiência do trabalhador, considerando o valor da sua história individual e coletiva e sua capacidade de intervir na solução dos problemas que se colocavam no trabalho –, que se contrapunha aos saberes epistêmicos validados na ergonomia e na psicologia da época, a qual utilizava um método analítico para medir e avaliar os problemas de forma global, conhecendo-os parcialmente, sem considerar o trabalhador como sujeito ético e epistêmico.

Assim, o legado de Oddone, Re e Briante está em articularem, em uma confrontação permanente, os conhecimentos científicos e a experiência dos trabalhadores. Tal proposta constituiu-se, desde então, em indicador para nortear a compreensão dos problemas de saúde e segurança nos contextos produtivos, além de ter contribuído substancialmente para o desenvolvimento de outras disciplinas, que, ao longo dos tempos, vieram se debruçar ao estudo do trabalho humano; colaborou, também, para avanços nos modelos de prevenção dos riscos utilizados no âmbito do trabalho.

Das heranças, dos projetos

Essas heranças estão na base da estruturação do Programa de Pesquisa, Ensino e Extensão *Conexões de Saberes sobre Trabalho*⁴⁷. Dentro dele, o Projeto *Conexões de Saberes sobre Trabalho – Saúde e Segurança na Mineração* possibilita uma produção de saberes sobre o trabalho, associando trabalhadores e dirigentes sindicais do setor mineral brasileiro⁴⁸ a gestores, técnicos e pesquisadores de várias áreas disciplinares da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/Brasil)⁴⁹ e outras universidades parceiras – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal de Itajubá (UNIFED) e Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

Inscrito no bojo das atividades do Programa de Pesquisa, Ensino e Extensão *Conexões de Saberes sobre Trabalho* do Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação (NETE), da Faculdade de Educação (FaE) da UFMG, o projeto também conta com a colaboração permanente de pesquisadores e formadores do Departamento de Ergologia da Aix-Marseille Université – França, da Escola Sindical 7 de Outubro/Central

⁴⁷ A primeira versão do projeto se desenvolveu no período de 2005 a 2008, financiada pelo Ministério do Trabalho. As produções e as articulações de saberes sobre o setor mineral nesse primeiro período de conexões foram sistematizadas em vários artigos e nos livros *Trabalho: Minas de Saberes e Valores* (Cunha, 2007) e *Conexões de Saberes sobre o Trabalho: Coletânea de Textos* (Vieira, 2007), além do documentário *Lições de Pedras para quem sabe soletrá-la* (Lições, 2008), materiais organizados e publicados em coautoria pelos pesquisadores e trabalhadores envolvidos na experiência.

⁴⁸ Os profissionais mineiros participantes do projeto representam sindicatos de trabalhadores em dez cidades brasileiras (Parauapebas, Guarapari, Cachoeiro do Itapemirim, São Paulo, Belo Horizonte, Poços de Caldas, Congonhas, Mariana, Itabira e Paracatu), com experiência diversificada em termos de postos de trabalho no setor e vinculados a diferentes empresas de extração de diferentes minérios.

⁴⁹ A UFMG é representada pelos seguintes grupos de pesquisa: Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação (NETE) da Faculdade de Educação (FaE/UFMG); Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Psicologia do Trabalho (LABTRAB), da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH/UFMG), Laboratório de Ergonomia, da Faculdade de Engenharia de Produção/UFMG. As áreas do conhecimento representadas no dispositivo integram ainda a geografia e a fisioterapia.

Única dos Trabalhadores (CUT) e da Fundacentro-MG. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) financia as atividades, por meio de convênio de fomento ao desenvolvimento científico firmado em 2009 com a empresa Vale S.A.

O objetivo geral do programa é mobilizar, articular e sistematizar novos conhecimentos sobre o setor mineral por meio do diálogo entre saberes acadêmicos e saberes produzidos no e pelo trabalho, de modo a compreender e superar algumas dificuldades e problemas dos processos produtivos que dizem respeito à saúde e à segurança dos trabalhadores. O eixo central é fomentar uma troca que favoreça a aprendizagem recíproca entre todos os envolvidos, inspirada na proposta de *Comunidade Científica Ampliada* (Oddone *et al.*, 1981), em que se possa desenvolver um trabalho cooperativo, sem hierarquias socioculturais e epistemológicas que dificultem o diálogo entre o conhecimento e a experiência prática.

No programa, desenvolvemos três experiências-projetos: a) 2005-2008: Conexões de Saberes sobre Trabalho (Cunha, Fazzi & Parrela, 2007; Vieira, 2007), financiado pelo Ministério do Trabalho e Emprego; b) 2008-2010: Conexões de Trabalho em Energia (Cunha, 2014), financiado pelo Sindieletrô-MG; c) 2011-2014: Conexões Saúde e Segurança na Mineração, financiado por Edital FAPEMIG-VALE; sobre este, relatamos brevemente abaixo.

Esses patrimônios combinam bem com nossa herança de Paulo Freire, da Educação Popular e das tradições de Pesquisa Participante e Pesquisa-Ação⁵⁰, tão importantes nos diversos processos emancipatórios latino-americano⁵¹. Nesses patrimônios há também uma convocação ao diálogo permanente com a experiência prévia dos participantes, sejam eles trabalhadores ou pesquisadores. Nessas iniciativas, a condição de educando e de

⁵⁰ Cf. Streck, Sobottka e Eggert, 2014.

⁵¹ Cf. Rede Alforja : www.alforja.or.cr

educador não é fixada a priori, mas assume configurações diversas em relação ao que está em debate, e, assim, as possibilidades de interpelação mútua se amplificam.

A dinâmica da experiência do projeto Conexões lembra os Círculos de Cultura (Freire, 1980), uma vez que todos os participantes devem cuidar para que a convivência ocorra num espaço sem os constrangimentos tradicionais presentes nas situações de trabalho e nas *démarches* metodológicas, com seus protocolos rígidos de procedimentos de pesquisa.

O que se pretende é a construção de um dispositivo muito além do quadro de pesquisa tradicional de cunho qualitativo, é um espaço de circulações de saberes e valores dos integrantes que compõem a experiência. É nesse circuito que se instaura um diálogo entre os vários integrantes, que trazem as experiências e os conhecimentos que portam das situações de trabalho que vivenciam e/ou vivenciaram. Esse diálogo, como qualquer outro, está a serviço de uma investigação particular cuja temática é do interesse de todos. O *Dispositivo a Três Polos* (Schwartz, 2000a) que este projeto quer conformar articula todos os patrimônios que devem ser convocados ao debate: saberes da experiência, saberes constituídos e projeto de colaboração amarrado em disposições éticas e epistemológicas dos participantes.

Falamos aqui de experiências que poderiam ser encaradas à maneira como Michel Foucault pensa um *dispositivo*, termo técnico estruturante em sua abordagem genealógica do saber: “espécie de formação que num momento histórico teve como função essencial responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica” (Foucault, 1977, citado por Agamben, 2009, p. 28). Entretanto, nosso objetivo ao criar espaços de encontro entre pesquisadores e trabalhadores é trabalhar na direção de construir *dispositivos contra-hegemônicos* entrelaçando produção e saber e promover aumento do poder de agir dos participantes.

Matérias a pensar

A especificidade dessa proposta metodológica se localiza nas condições criadas para que trabalhadores expressem suas experiências, um caminho possível para fazer avançar o conhecimento e para encontrar soluções para problemas que eles próprios vivem no cotidiano da produção. Nesse sentido, aliando conhecimentos acadêmicos, técnicos e tecnológicos (instituídos) à experiência instituinte dos trabalhadores, com seus saberes corporificados nos usos de si que fizeram e fazem ao lidarem com as situações de vida e trabalho, acredita-se ser possível elaborar diagnósticos mais aprofundados dos problemas de saúde e segurança no setor mineral. Vale ressaltar que as fronteiras entre esses saberes são instáveis e indefinidas, pois, em ação, todos os saberes se mobilizam, em graus diferentes, em cada um dos envolvidos no encontro.

O dispositivo se concretizou em encontros bimestrais ou trimestrais, denominados “módulos de formação”, em que se reuniram trabalhadores e pesquisadores durante fins de semana na Escola Sindical 7 de Outubro (Belo Horizonte-MG, Brasil). O projeto teve como ponto de partida um minicurso de introdução à saúde e à segurança no trabalho (em outubro de 2012), com o objetivo de aprofundar o conhecimento dos participantes sobre instrumentos que são utilizados para se efetuar a análise de acidentes e promover uma reflexão inicial sobre a temática a partir das experiências vivenciadas no cotidiano de trabalho pelos participantes. Essa discussão inicial possibilitou a estruturação de grupos de trabalhos para realizar análise de acidentes com base em experiências reais trazidas pelos trabalhadores, objetivando-se evidenciar algumas lacunas que se apresentam nos resultados das análises clássicas e expor novos elementos a serem considerados, na perspectiva de se ampliar o olhar sobre as causas de acidentes de trabalho e as possíveis ações de prevenção que seriam mais eficazes.

A articulação dos saberes instituídos e dos saberes desenvolvidos na experiência de trabalho nesse minicurso propiciou a construção da temática para o segundo módulo, e assim sucessivamente. Assim, as pautas de discussão de cada módulo foram definidas pelos debates instaurados no módulo antecedente. Os temas selecionados para cada módulo, portanto, se encadearam, construindo uma espiral em torno do eixo central saúde e segurança no trabalho, o que permitiu ampliar as margens de reflexão e elaborar novos saberes.

Essa dinâmica nos faz lembrar a obra de Paulo Freire quando este sugere que o estudo da realidade tal como compreende o educando seja feito no confronto com a capacidade de organizar e explicar parte dessa realidade pelo educador, com base nos conhecimentos que possui dos diversos campos disciplinares num processo dialógico permanente. Os *temas geradores* são assuntos que emergem no diálogo, produto das experiências vividas e que merecem tratamento problematizador por todos os envolvidos na conversação. Desse modo, os saberes produzidos socialmente e sistematizados nos diversos campos do conhecimento são convocados no diálogo, tendo em vista a produção de um conhecimento de tipo novo sobre a situação analisada ou o re-conhecimento de uma problemática a ser mais bem investigada; o pressuposto é que todos somos sujeitos de valores e saberes sobre os assuntos em pauta. É nesse resgate de saberes e na sua confrontação que poderá surgir um conhecimento de tipo novo, que saberes diversos poderão ser mobilizados e mobilizadores de transformações de uma dada situação.

Sem cartografias definidas *a priori*, o que se pode, então, relatar do projeto é a história das temáticas que foram construídas: Ferramentas de gestão de risco e a experiência francesa de DD3P (janeiro de 2013); Análises de acidentes de trabalho (abril de 2013); Análises de acidentes de trabalho e Direito de Recusa (junho de 2013); Usos da Comissão Interna Prevenção de Acidentes (CIPA) (setembro de 2013); Nexo Técnico Epidemiológico Causal (NTEP), CIPA e Mapas de Risco (novembro de 2013); Retrospectiva dos módulos e avaliação

do projeto, apresentação das propostas a serem desenvolvidas: curso de especialização de análise pluridisciplinar sobre situações de trabalho e Centro de Estudos e Práticas em Saúde e Segurança no Trabalho (CEPRASST) (março de 2014); Relatos de pesquisas acadêmicas e lançamento do Centro de Estudos e Práticas em Saúde e Segurança do Trabalho (CEPRASST) (maio de 2014).

As atividades realizadas nos módulos para debater as temáticas supracitadas consistiram em discussões e debates em aulas dialogadas, oficinas de produção de saber e apresentações sistematizadas a partir dos saberes acadêmicos e das experiências dos trabalhadores na vida cotidiana das situações de trabalho. Os temas de reflexão definidos conjuntamente muitas vezes demandaram esclarecimentos em tempo real durante a realização dos módulos de formação e foram objeto de constante negociação e replanejamento do trabalho a seguir. Essa dinâmica exigiu uma construção flexível e contínua de pontos a serem privilegiados no trabalho em comum.

Todos os encontros foram filmados, de modo que se produziu um rico material de pesquisa, o qual pode, dependendo do assunto, representar:

- Ilustração, histórias: acontecimentos na experiência de trabalho que circulam saberes e valores plenos de eventos singulares;
- Objeções epistemológicas: método “Arvore das Causas” para analisar acidentes; premissa da suspensão de valores por quem avalia;
- Objeções prático-políticas: pra que serve? Crítica aos usos feitos na concretude das relações sociais;
- Soluções de tipo novo para velhos problemas: projetos de intervenção (planos de ação em comum);
- Deslocamentos nas representações de parte a parte: desconfortos, contradições (reabre o debate em torno de objetos antigos de pesquisa; elucida reservas de alternativas).

Muitas vezes, os debates, porque reúnem pontos de vista diferentes de uma visão disciplinar, profissional ou política, são verdadeiros “Estados da Arte” sobre problemas que afetam os trabalhadores brasileiros, independentemente do setor de produção econômico. É uma passagem desse tipo que escolhemos para relatar e discutir neste texto.

Dificuldades, potencialidades, interesses...

As dificuldades práticas são inúmeras. Em primeiro lugar, devemos lembrar aquela de reunir os trabalhadores em torno de um projeto de trabalho em comum. É preciso lembrar que a formação ao longo da vida não é um direito constituído no campo dos direitos do trabalho nem no campo da educação de adultos no Brasil. Isso torna quase impossível reunir trabalhadores em momentos de formação. Nossos parceiros têm sido a Escola Sindical 7 de Outubro (Central Única dos Trabalhadores – CUT) e os sindicatos da região sudeste, entre eles, os sindicatos de trabalhadores do setor mineral e os sindicatos dos trabalhadores do setor elétrico. Eles possibilitam encontrar trabalhadores que estão na condição de sindicalistas com ou sem liberação e militantes sindicais de base.

O público é, então, marcado por uma unidade em relação ao setor de produção, mas heterogêneo do ponto de vista de sua experiência e quanto ao engajamento político-partidário e sindical e de trabalho, pois pertencem a diversos postos de trabalho diferentes em várias empresas espalhadas por Minas Gerais. Essa diversidade tem sido utilizada para enriquecer as experiências dos participantes, mas ela também revela unidades problemáticas, por exemplo, em torno da hiperprocedurização das normas de segurança em setores de produção operários. Podemos observar que esta hiperprocedurização de normas de segurança tão presente em

situações de trabalho na mineração perpassa postos de trabalho em outros setores e com modelos, métodos e técnicas muito semelhantes. Além disso, o pressuposto básico subjacente é aquele do “ato inseguro”, segundo o qual se busca responsabilizar o próprio trabalhador pelos riscos embutidos na execução das tarefas nas situações de trabalho em que se encontram. Por outro lado, as narrativas dos trabalhadores mostram a riqueza das estratégias que são mobilizadas para fazer face às agruras do exercício profissional em cada gesto cotidiano.

As dificuldades epistemológicas são inúmeras também. Schwartz (2000a; 2000b; 2010) as denominaria “desconforto intelectual”. Para exemplificar, poderíamos citar algumas relacionadas ao fazer do pesquisador: a) abertura para compreender a experiência para além do que é explicável em termos de sua própria disciplina. A experiência exposta nas narrativas, em sua riqueza, é captada pelo instrumental teórico-metodológico (pelas lentes do pesquisador), e este funciona como um filtro, onde somente o que tem explicação é apreendido. A experiência convoca a outros olhares, mas nem sempre o pesquisador consegue se deixar interpelar e problematizar para além do que é apreensível por sua lógica disciplinar; b) em decorrência dessa postura, a convivência com os demais pesquisadores de outras disciplinas nem sempre é facilitada, e o diálogo nem sempre ocorre para reinterrogar, de parte a parte, os conceitos e os métodos estruturantes das disciplinas que os pesquisadores representam. Por exemplo, seria necessário, em muitas ocasiões, que pudéssemos compreender o valor das narrativas dos trabalhadores de vários pontos de vista disciplinares e que o próprio conceito de “narrativa” viesse à tona para que prosseguíssemos de forma mais profunda a debates epistemológicos sobre a validade e os procedimentos de validação das experiências narradas em termos da produção do saber no campo das ciências humanas e sociais. Além disso, vários obstáculos epis-

temológicos nos escapam, deixando à margem o aparecimento de objetos transdisciplinares de investigação mais aprofundada; c) outro problema associado aos dois primeiros é que cada pesquisador envolvido tem seus próprios constrangimentos de tempo e de metas consideradas produtivas no campo disciplinar no qual está inserido, o que torna a construção de dispositivos tão pesados de se construir contraproducente em termos das exigências de produção da sua área, mesmo porque não é um dispositivo de pesquisa que deve responder às demandas de pesquisa de um campo determinado, é uma experimentação marcada por ensaio e erros na longa duração, cujo funcionamento não pode ser marcado pelos objetivos de pesquisa de um determinado objeto de análise de um campo disciplinar; desse modo, não deve haver rigidez de funcionamento algum, para que a dinâmica se estabeleça e desvele o que está em porvir.

É, portanto, nessa dinâmica permanente aberta em espiral que estão as maiores potencialidades de articulação entre ensino, pesquisa e extensão que marcam a missão das universidades públicas brasileiras. O aspecto “formação” perpassa o dispositivo quando este representa um encontro problematizador para pesquisadores, estudantes e trabalhadores. O diálogo é rico de informações sobre teorias, conceitos e metodologias, *insights* sobre os temas em debate, e enriquecido pelos desdobramentos diversos que podem tais temáticas assumir nas configurações das diversas situações de trabalho resgatadas nos debates. Nesse nicho, podem aparecer novos temas de investigação, questões que necessitam ser reabertas, repensadas e questões que merecem aprofundamento. Esse processo desvela que a experiência é sempre mais dinâmica e mais rica do que aquilo que podemos dela apreender por meio de nossos protocolos de pesquisa ou em nossas aulas previamente estruturadas e didaticamente calculadas em termos de transmissão de conhecimentos gerados alhures.

Oddone chamava atenção ao fato de que a convivência com base em dispositivos como aquele das *Comunidades Científicas Ampliadas* podia desenvolver em todos uma *competência profissional ampliada* que não poderia ser adquirida apenas via cursos universitários, competência esta inscrita num engajamento político comprometido com a emancipação social dos trabalhadores. Dito isso, não há espaço para a ideia de uma transposição didática no seio do dispositivo, porque o conhecimento não está sendo transmitido, ele está sendo produzido de modo compartilhado num momento em que está à prova das experiências reais dos envolvidos. Assim, ao mesmo tempo que a experiência é uma formação, esta formação traz consigo um processo de validação social do conhecimento e dos saberes que circulam. Aos trabalhadores, por sua vez, além de se qualificarem em permanência para aumentar seu poder de ação transformadora das situações de trabalho ou de intervenção, possibilita-se, poderíamos citar, um reencontro com os caminhos da formação escolar e dos estudos, elo muitas vezes perdido ao longo de uma trajetória em que escola e trabalho, em geral, são experiências que se excluem mutuamente.

*

As intrincadas relações entre saber e poder estão aqui sendo burladas em equilíbrios instáveis em cada diálogo entre os participantes desta comunidade (trabalhador-trabalhador, trabalhador-pesquisador, pesquisador-pesquisador...). Estes diálogos trazem em si muitas possibilidades políticas e obstáculos epistemológicos que podem ou não vir a ser conhecimentos e práticas renovadas, tanto pelo lado de quem produz conhecimentos sob o estatuto de pesquisador quanto pelo lado de quem, de fato, pode estabelecer novos equilíbrios nas configurações das situações de trabalho das quais participa.

Referências bibliográficas

- Agamben, G. (2013). *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. 4ª reimpressão. Chapecó: Argos Editora Unochapecó.
- Conexões de Saberes sobre o Trabalho. (2008). *Lições de Pedra para quem sabe soletra-la* (Documentário audiovisual). Belo Horizonte: NETE/FAE.
- Cunha, D., Perrela, L. & Fazzi, J. L. (2014). Do trabalho e do trabalho em comum para conhecer. In Streck, D., Sobottka, E. & Eggert, E. (Orgs.), *Conhecer e transformar: pesquisa-ação e pesquisa participante em diálogo internacional* (pp. 237-254). 1ª Ed.V.1.Curitiba: CRV.
- Cunha, D. M. (Org.). (2007). *Trabalho: Minas de Saberes e Valores*. Belo Horizonte: NETE/FAE.
- Cunha, C. M. & Nunes, A. M. M. (Orgs.). (2009). *Projeto de Educação de Trabalhadores: pontos, vírgulas e reticências – um olhar de alguns elementos da EJA através do ensimesmo do PET*. Belo Horizonte: PET/Escola Municipal União Comunitária.
- Cunha, C. M. & Nunes, A. M. M. (Orgs.). (2008). *Projeto de Educação de Trabalhadores: uma proposta de Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: PET/Escola Municipal União Comunitária.
- Ferreira, L. L., Donatelli, S. & Reis Júnior, F. A. (2003). *Análise Coletiva do Trabalho de Pescadores-mergulhadores de Lagosta Brasileiros*. São Paulo: Ministério do Trabalho e Emprego/FUNDACENTRO.
- Freire, P. (1980). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hoefel, M.G. L. (2012). *Projeto Vidas Paralelas (PVP)*. Brasília: UNB.
- Mattos, U. A. O. & Freitas, N. B. B (1994). Mapa de risco no Brasil: as limitações da aplicabilidade de um modelo operário. *Cadernos Saúde Pública* 10 (2), 251-258. Retirado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1994000200012&script=sci_abstract&tlng=pt
- Oddone, I., Re, A. & Briante, G. (1981). *Redécouvrir l'expérience ouvrière: vers une autre psychologie du travail?* Paris: Messidor.
- Oddone, I., Marri, G., Gloria, S., Briante, G., Chiattella, M. & Re, A. (1971). *L'Ambiente di Lavoro*. Rome: Édition FLM.
- Oddone, I., Marri, G., Gloria, S. Briante, G., Chiattella, M. & Re, A. (1986). *Ambiente de Trabalho – A luta dos trabalhadores pela saúde*. São Paulo: HUCITEC.
- Schwartz, Y. (2000a). *Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe*. Toulouse: Octarès Editions.
- Schwartz, Y. A. (2000b). Comunidade Científica Ampliada e o Regime de Produção de Saberes. (Tradução: Santos, E. H. & Cunha, Dayse, M. Cunha). *Revista Trabalho e Educação* (7), 38-46. Retirado de <http://www.portal.fae.ufmg.br/revistas/index.php/trabedu/article/view/1681>
- Schwartz, Y. & Durrive, L. (Orgs.). (2010). *Trabalho & Ergologia. Conversas sobre a atividade humana*. 2ª ed. Niterói: Editora da UFF.
- Souza, D. D. L. (2009). *Movimentos Sociais, ONGs e Educação: um estudo de caso*. São Paulo: Editora Ideias & Letras.

- Streck, D., Sobottka, E. & Eggert, E. (Orgs.)(2014). *Conhecer e transformar: pesquisa-ação e pesquisa participante em diálogo internacional* (pp. 237-254). Curitiba: Editora CRV.
- Vieira, C.C., Cunha, C. M.,Cunha, D. Reis, P.G.V.& Alves, V.A. (Orgs). (2007). *Coletânea de Textos. Conexões de Saberes sobre o Trabalho*. Belo Horizonte: NETE/FAE.
- Teiger, C. & Lacomblez, M. (2013). *(Se) former pour transformer le travail. Dynamiques de constructions d'une analyse critique du travail*. Canadá: PUL.
- Khun, T. S. (1972). *La Structure des Révolutions Scientifiques*. Paris: Flammarion.